



# **CADERNOS COR-TERNURA**

Antologia de Contos e  
Ilustrações dos Alunos  
da Escola Secundária  
Filipa de Vilhena



## Novos Contos da Cidade das Pontes



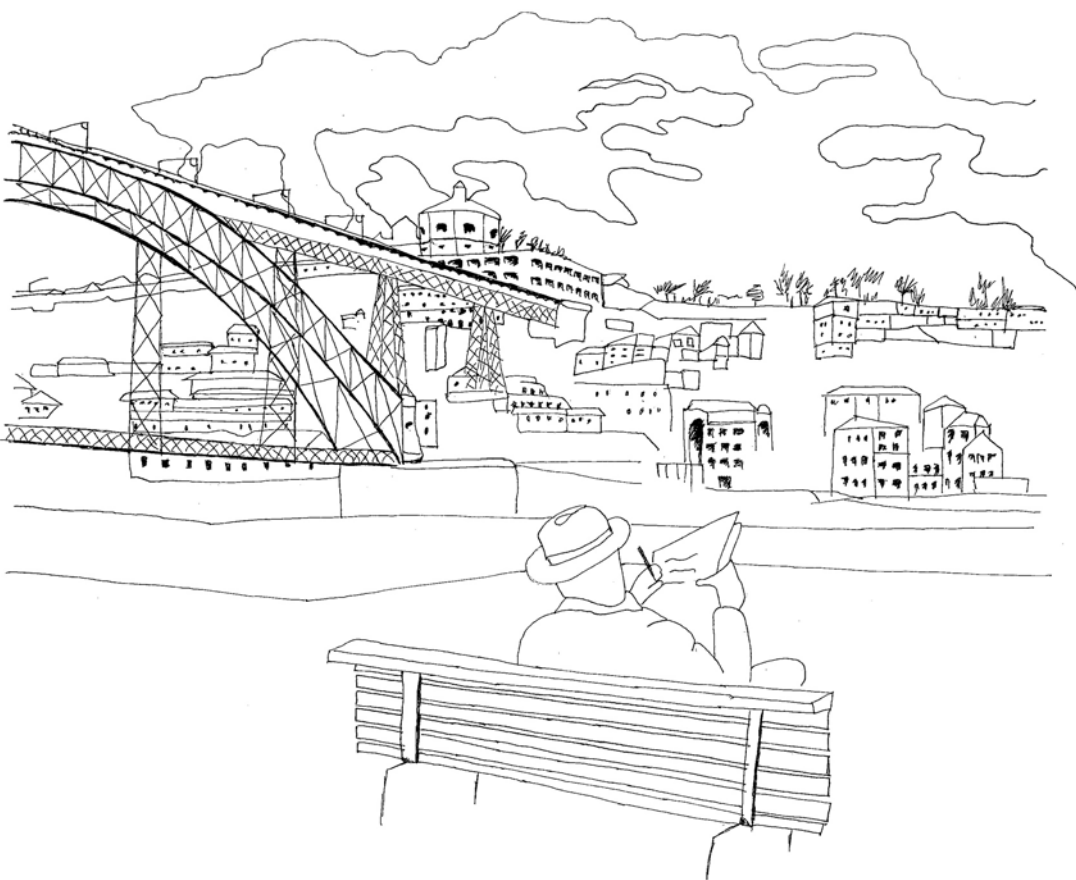
## Porto da minha infância...

Joana Cardoso Gonzaga

As pessoas correm pela cidade mas não a conhecem. Conhecer não é usar, é sentarmo-nos numa pedra com memória e escutar os seus ensinamentos. O homem de chapéu alto que vinha no comboio entre todos os outros sem chapéu olhou para as belas pontes e conheceu-as de novo.

Ele vinha recolher-se nos braços do seu berço, vinha procurar no seu lar de granito a tranquilidade há muito perdida entre contos sem sentido, poemas falhados, romances incompletos. Como fora bem melhor aquele tempo em que ele acreditara no poder das suas palavras... Agora já sabia como elas eram esquivas e cruéis e fizera a sua escolha. Já que não conseguia agarrar o sentido da vida, então deixaria este mundo sem uma lágrima.

Ele não pedia muito: queria apenas escrever algo que o fizesse sentir vivo, projectar a sua alma para o papel. Só isso, meu Deus! Não ansiava a aprovação de leitores entusiastas nem de críticos pedantes, só desejava a aprovação da sua alma. Era assim tanto? Era muito, sim. Passara uma vida a



tentar resgatar a alma em palavras. «Porto, Porto da minha infância, só a ti eu amo. Venho terminar os meus dias nos teus braços sábios e fortes de ancião.»

Quando o homem de chapéu alto chegou ao Porto, os transeuntes eram os mesmos de sempre, correndo sem ver, indignos habitantes da Cidade da Magia. Mas ele via, oh!, se não via! Quanto mais se aproximava do rio, mais ele corria, sequioso de ouvir de novo a sua voz húmida e tranquila. Enfim, chegou. A cobra dourada espalhava-se, imponente e lânguida, entre a cidade florescente. O Sol moribundo espalhava o seu último fulgor sobre as pontes formosas e sobre as casinhas semeadas à beira rio e ele sentiu as lágrimas assomarem-lhe aos olhos. Há quanto tempo não sentia ele a beleza tranquila de um pôr-do-sol portuense!... Sentou-se no passeio, na margem do Rio de Ouro. Rio Douro. De ouro, na verdade... As embarcações baloiçavam na serenidade de fim de dia e a ponte D. Luís espreguiçava-se sobre o rio na sua graciosidade de ferro.

Viveu muito, durante essa noite, o homem de chapéu alto. Pela sua mente fatigada passaram todos os momentos de uma infância a cheirar às correrias por entre o granito sábio da cidade, a cheirar aos pregões da sua querida mãe, a cheirar a tempos duros mas inocentemente felizes, animados pelo sonho da escrita.

Ele lembrava-se bem de como gostava de percorrer as ruas animadas da Baixa, desejando entrar nas lojas com montras bonitas e apetitosas. Lembrava-se especialmente bem das horas que passava a olhar para a fachada do Café Majestic e como sonhava com o dia em que entraria lá e beberia um café, quente e aromático, à medida que escrevia um poema ou uma novela. «Afinal, nunca fui escritor nem entrei no Majestic...», pensou tristemente.

E foi, então, que algo aconteceu. Os primeiros raios de Sol começaram a iluminar a cidade e ele ainda não morrera! «O

Sol morreu e nasceu de novo. Porque não hei-de eu renascer desta existência morta que eu tenho andado a levar em vez de morrer cobardemente?» E, com um sorriso novo no rosto, o homem de chapéu alto ergueu-se e começou a caminhar, os olhos cintilantes, enquanto trilhava de novo o Porto da sua infância. À medida que a manhã ia avançando, ele ia correndo as ruas da Baixa com uma emoção há muito esquecida. Ouviu de novo a voz de sua mãe nos pregões das vendedeiras do Bolhão, reviu a sua avó na velhinha embiocada que passava junto à bela Capela das Almas e reviu-se a si mesmo quando se encontrou defronte da magnífica e luminosa fachada do seu sonho de infância: o Café Majestic.

Lentamente, quase com receio, aproximou-se da entrada. O criado trajado a rigor perfurou-o com o olhar, tal como noutros tempos outro criado o fizera, mas desta vez ele não vacilou sequer. Tac, tac, tac. O som dos seus passos marcava a decisão de uma vida. Ele sentou-se, encomendou o café quente e aromático e começou finalmente a escrever a sua alma num poema.

## Sem título

Inês Montalvão

Todas as manhãs de sábado, ela acordava para um habitual passeio de bicicleta, ainda a oferecida pelo seu já perdido e sábio avô que nunca esqueceria. Assim, sobre as duas rodas, num selim gasto pelo uso e com uma campainha estridente que raramente usava, ela partia, não à descoberta, mas para uma sessão do mais profundo desfrutar da cidade e do orvalho matinal que, durante aquelas geladas horas, começava progressivamente a desaparecer.

Teria sido aquele sábado igual a todos os outros, pela marginal, olhando o rio espelhado (não mais de ouro naquele do que noutros dias) e as suas pontes sempre sóbrias e tão fortes como a vontade do povo portuense ao qual ela gostava verdadeiramente de pertencer, não fora a súbita aparição de uma velha... Não era uma velha qualquer, não, porque esta era de uma velhice mais velha que as outras, de um olhar triste ainda mais melancólico que o de todos os tristes, de um andar insano e cambaleante ainda mais descoordenado

que o de um ser rastejando. Era uma mulher estranha entre muitas outras personagens estranhas da cidade, e não seria por isso que captaria toda a sua atenção...mas, sim, porque, à sua volta, para além de pessoas comuns que circulavam (discretamente afastadas), para além do vento que soprava e da brisa gelada que ainda corria por entre um nevoeiro não muito cerrado, para além das fachadas multicolores das casas ribeirinhas e das capelas às quais os sós, os crentes e os que anseiam por uma vida melhor acorrem, havia algo... algo mais... algo que, como ela, descoordenadamente voava, de um voar tão belo que faria qualquer um sonhar com umas asas brotadas de umas costas humanas... Primeiro pensou ser um pássaro, pois pedalava apressadamente de modo a sentir o nevoeiro a entrar em si, mas não resistiu a abrandar. Na verdade, algo de superior a ela e talvez divino a impeliu de não mais pedalar! Assim o fez.

E, sim, ainda hoje ela recorda aquele dia, aquela manhã, aquela hora que já vezes sem conta deliciou os seus netos quando lá vão a casa, ao domingo. Aquela história nunca gasta de tão contada e que põe um brilho adicional nos ternos e maravilhados olhos das inocentes crianças...

Ainda hoje ela chora, chora um misto de felicidade e tristeza nostálgica e sonha e volta atrás no tempo para de novo tocar aquelas asas, aquele rosto, aquele olhar, aquilo que nunca tocou mas que sempre consegue sentir e que dela se aproxima de um modo tão subtil tocando-a simples e prolongadamente com o seu olhar enigmático... Deambula por toda a cidade, nascem-lhe asas como as que viu e toca as suaves ondas do rio no início da manhã e as gotas de orvalho das árvores que crescem, e as fachadas amarelas, vermelhas, verdes e brancas de um branco que se chega a confundir com o seu... É nessa altura que ela se funde com a cidade, é como se voasse e a cidade voasse com ela, como se a cidade chegasse a voar nela, a ser ela...

E leva consigo todas as pessoas que, já de manhã, deambulam, aquelas que a noite não deixou dormir, aquelas que, num sono interminável, se encontram e as que, com aqueles que amam, se amam junto ao rio espelhado... que leva tudo! E não leva nada.

Está simplesmente sentada, num cadeirão de veludo vermelho escuro, num canto acolhedor da sua sala num canto igual a todos os outros cantos da cidade e conta a história mais uma vez, como sempre conta e como nunca se há-de cansar de contar... Começando sempre pela bicicleta que lhe recorda o avô e terminando sempre de um modo inacabado no que viu e nas asas com que sonha, na aparição da velha que, estranha como todos os estranhos que sempre viu, conseguia ser ainda mais peculiar do que tudo o que ela, naquela manhã de brisa gelada, na cidade das pontes, sentiu...

## Mãe Douro

Sara Montalvão

Estávamos no Inverno. As árvores nuas mostravam-me a frieza do tempo e eu, sentada num banco de pedra dura e fria, olhava o rio. Pensava nas taínhas, nos outros peixes que lá viviam, olhava os barcos rabelo, o reflexo do Sol na água, as casas amontoadas lá na outra margem, dando aquele ar tradicional, aquele ar ribeirinho e tão característico do Porto. Tentava navegar no rio, tentava voar como as gaivotas, tentava subir alto e ver do céu toda a cidade. Ao sentir o vento frio na cara, sentia-te. Ao sentir o Sol de Inverno a aquecer-me ligeiramente a cara, sentia-te. Tinhas-te perdido com a corrente. E eu procurava-te no sonho. Tentei esquecer-te, deixar-te, olhar simplesmente para o rio e pensar que apenas os peixes moravam lá... Não quis saber de mais nada.

Foi, então, que quis também ser peixe. Quis também ser livre, e atirei-me. Quase que voei. Era tudo tão diferente, no rio. Vi pessoas a olharem-me como uma louca, mas eu ri-me e nadei, nadei, nadei... Nadei tanto que pensava que ia chegar até ao pôr-do-Sol, mas isso não aconteceu. De nadar tanto,



ilustração colectiva do 11º J (ano lectivo 2010/2011)

comecei a ficar com escamas, passaram-se outras semanas e as escamas cresceram... Pensei, então, que finalmente me ia tornar peixe. Mas acabei por me tornar um “quase-peixe”. As escamas cresciam cada vez mais, até que, depois, nasceram-me barbatanas. Vesti-me com conchas e usava algas e estrelas do mar no cabelo. Vivía no fim e no fundo do rio, daquele rio que me tinha dado vida, um Douro capaz de tudo... Mas não te encontrei lá, a corrente tinha sido mais forte do que as tuas escamas.

Assim, aí vivi. Aos poucos, fui conhecendo outros como eu, outros que também tinham querido ser peixes, outros que também tinham querido ser livres, outros que já tinham nascido assim. Também havia outros que, afinal, não queriam ser livres e voltavam então para a sua antiga prisão a que estavam tão habituados e o único momento de liberdade que tiveram em toda a vida tinha sido aquele momento de loucura, quando tinham mergulhado no rio em frente àquelas pessoas todas... Era esse mesmo o nosso refúgio, a loucura. Uma loucura de barbatanas e conchas, bem no fundo do rio. Refugiei-me no rio durante muitos anos, sentia-me bem, sentia-me livre... Mas nunca te encontrei. Disseram-me que isso era impossível porque tu tinhas sido livre, tinhas sido peixe em terra, comigo, eu que também já tinha sido peixe em terra. Disseram-me que era impossível encontrar-te porque não tinhas ido naquela corrente do rio, era outra diferente, tinha um nome macabro, era uma corrente que ainda não podia seguir... Eu vivia na corrente chamada “Passado”, era a corrente que tanta gente como eu procurava quando éramos prisioneiros da memória e da lembrança... Foi, então, que percebi... Já tinha sido peixe em terra, depois fui peixe em água, por fraqueza minha, e, agora, queria voltar a ser um peixe em terra, pois podia transformar aquela prisão de lá de fora, aquela prisão a que chamam realidade, transformá-la em liberdade... Só seria prisioneira se essa fosse a minha

vontade. Foi isso que aprendi lá bem no fundo do rio Douro.

Emergi. As mesmas pessoas continuavam lá, olhando-me como se fosse louca... Afinal, tinha-o sido um pouco. Cheguei à margem, sentei-me no mesmo banco de pedra dura e fria. Estávamos no Inverno mais uma vez e as árvores continuavam nuas, desprotegidas do vento frio. Sentada no banco, olhei mais uma vez para o rio e saboreei o reflexo dourado que tinham as suas águas... Pensei que iria ter saudades daquela vida de sereia num rio, naquele rio. Talvez as tenha... Levantei-me, vi que estava encharcada e comecei a sentir frio. Dirigi-me para o meu carro, pronta para ir para casa secar-me e aquecer-me, mas não fiz isso. Não podia voltar ao passado, à memória, à lembrança. Comecei a andar. Percorri a cidade toda a pé, não me cansei. Olhava para tudo como se nunca tivesse visto nada daquilo. Vi como era alta a Torre dos Clérigos, senti o calor das pessoas, os diversos cheiros do Bolhão. Apercebi-me da imponência daqueles tantos monumentos, surpreendi-me com toda a História que vivia na cidade, passei por todas as ruas e ruelas, apreciei, cheirei como nunca todos os parques e jardins...

E foi no Parque da Cidade que parei. Vi uma águia a passar mesmo por cima de mim, senti-me com inveja. Mas aí não quis ser pássaro, podia-o ser em terra. O rio tinha-me dado à luz e a cidade tinha-me criado.

## Carta de despedida

Vanessa Brochado

A toda a “gera” lá de trás  
Um dia qualquer de um ano sem tempo

Localização: um quarto demasiadamente grande

Personagem única: uma rapariga relativamente triste, totalmente infeliz e basicamente desiludida consigo própria.

Elementos cénicos: um maço de tabaco, uma caneta e folhas de papel.

Corpo do texto: Agora que já estão localizados, vou-vos explicar a ideia. Vou-me embora, “gera”. E não volto.

Ando pelas ruas do Porto. A cidade da nossa amizade. Três anos não chegaram para nada. Passeio sozinha por Santa Catarina e evito as montras que reflectem as luzes, as cores, o movimento de toda uma cidade que se agita e se acalma ao entardecer.

De cigarro na boca ( é o costume, não é, Luís?), desço da Batalha aos Aliados e depois passo a D. Luís. À ponte de baixo. Todo o meu Mundo está acima de mim. Atravesso a



ponte e, no rio, vejo a cidade. É uma pena o Douro continuar tão sujo... Já estou na nossa segunda cidade, Barros, e daqui vejo como o Mundo consegue ser pequenino, quando as gaivotas levantam voo. Já corremos isto juntos... Mas agora faço o caminho sozinha e a cidade parece mais sóbria, mais enevoada, mais triste, mais cinzenta...Penso nas letras que escrevemos juntas, Teresa, e penso que já escrevemos uma aqui, à frente das caves, em mais uma noite de Hard Club... Lembro-me de escrever uma carta de despedida... E procuro a melhor maneira de vos dizer “adeus”...

“Porque é que o Mundo para mim não é correcto?

Vejo um caminho, mas não sei nenhum trajecto;

Muitos problemas, mas com poucas soluções.

Isto não é real, tem de ser das visões.”

É o que diz o nosso Miúdo. Algum de vocês me sabe dizer porque é que as visões ganham sempre à realidade? Não sabem. Nem quando todos vocês estão completamente “mocados”.

Atravesso outra vez a ponte e vou da Ribeira à Foz ( zona de betos, Almeida! Vade retro, Satanás!). Pelo caminho, lembro-me do dia em que me desprezaram. Porque é que só me faziam isto a mim?! Fazer-me sentir a mais e dizer-me que sem mim estava gente a menos... Páro a meio do caminho. Olho para o rio... Vejo um miúda de 7 ou 8 anos reflectida. Não tem idade suficiente para saber o quão difícil é a Vida. Desaparece tão depressa quanto veio e dá lugar ao Monstro sem a Bela por perto. Acendo mais um cigarro. Sete e meia da tarde. O telemóvel toca. Desejo em silêncio que seja um de vocês. A minha mãe. “Onde estás?” Onde estou? Perdida na cidade onde os muros somos nós próprios e os outros. Respondo que estou quase na Foz e que durmo em casa da Carla. Diz que não. Que volte para casa. Espero que acabe o sermão e digo que estavas mesmo à minha espera. Desligo. Sento-me no Homem do Leme. Subo ao Paredão, como todos lhe chamamos, e vejo o mar, mais uma vez. Olho à volta e

procuro-vos. Não vos encontro. Deixaram-me. Assassinei-vos com Valiuns. E, depois, suicidei-me com aspirinas.

Não escrevam. Não mandem mensagens. Para onde vou não há Correios, nem rede para o telemóvel e a História foi esquecida nas entrelinhas.

“Às vezes, em sonho triste,

Nos meus desejos existe,

Longinquamente um país.

Onde ser feliz consiste

Apenas em ser feliz.”

Encontrei a Terra de Pessoa. Vou (apenas) ser feliz.

P.S.: “*Maybe this world is another planet’s hall...*” Aldous Huxley

“A Filipa de Vilhena é um lugar onde  
o rumor da beleza existe.”

Lídia Jorge

(E-mail da escritora em 27 de Novembro de 2009)